



## **AS DIMENSÕES DE CONHECIMENTO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**THE KNOWLEDGE DIMENSIONS IN THE NATIONAL COMMON CURRICULUM BASE: REFLECTIONS FOR SCHOOL PHYSICAL EDUCATION**

**LAS DIMENSIONES DEL CONOCIMIENTO EN LA BASE DEL CURRÍCULO COMÚN NACIONAL: REFLEXIONES PARA LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR**

**Alison Nascimento Farias**


<https://orcid.org/0000-0002-2249-2371> 


<http://lattes.cnpq.br/8406110672797149> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (Limoeiro do Norte, CE – Brasil)

[alison.farias@ifce.edu.br](mailto:alison.farias@ifce.edu.br)

**Raphaell Moreira Martins**


<https://orcid.org/0000-0001-6988-7795> 


<http://lattes.cnpq.br/7893644875444364> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (Baturité, CE – Brasil)

[raphaell.martins@ifce.edu.br](mailto:raphaell.martins@ifce.edu.br)

**Fernanda Moreto Impolcetto**

<https://orcid.org/0000-0003-0463-0125> 

<https://lattes.cnpq.br/8235194832537824> 

Universidade Estadual Paulista (Rio Claro, SP – Brasil)

[fernanda.moreto@unesp.br](mailto:fernanda.moreto@unesp.br)

### **Resumo**

O propósito deste ensaio é refletir sobre as oito dimensões de conhecimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresentando possibilidades para serem inseridas nas aulas de Educação Física escolar. Assim sendo, propomos como objetivo conceituar e exemplificar propostas de utilização das dimensões de conhecimento da BNCC do Ensino Fundamental em aulas de Educação Física escolar. Entendemos que as dimensões de conhecimento são um aspecto inovador, pois podem proporcionar um maior entendimento das práticas corporais no contexto que estão inseridas, indo além do “saber fazer”. Portanto, torna-se importante que novas pesquisas sobre essa temática sejam desenvolvidas a fim de difundir esse conhecimento para outros docentes da área, visando divulgar possibilidades de implementação das dimensões de conhecimento em aulas de Educação Física escolar. Concluímos que o estudo contribui para um melhor aprofundamento das dimensões de conhecimento da BNCC, visto que o referido documento não o fez, servindo, portanto, como apoio para que os docentes possam ter maior compreensão no entendimento dessas dimensões, a fim de facilitar o planejamento de suas aulas.

**Palavras-chave:** BNCC; Dimensões de Conhecimento; Educação Física Escolar; Cultura Corporal. Sistematização dos Saberes.

### **Abstract**

The purpose of this article is to reflect on the eight dimensions of knowledge of the National Common Curricular Base (BNCC), presenting possibilities to be inserted in Physical Education classes at School. Therefore, we propose as an objective to conceptualize and exemplify proposals for using the BNCC knowledge dimensions of Fundamental Education in Physical Education classes at School classes. We understand that the dimensions of knowledge are an



innovative aspect, as they can provide a greater understanding of bodily practices in the context in which they are inserted, going beyond “knowing how to do”. Therefore, it is important that new research on this topic be developed in order to disseminate this knowledge to other professors in the area, in order to disseminate possibilities for implementing the dimensions of knowledge in Physical Education classes at School classes. We conclude that the study contributes to a better deepening of the dimensions of knowledge of the BNCC, since the aforementioned document did not, serving, therefore, as support so that teachers can have a greater understanding in understanding these dimensions, in order to facilitate planning of your classes.

**Keywords:** BNCC; Knowledge Dimensions; School Physical Education; Body Culture. Systematization of Knowledge.

### Resumen

El propósito de este artículo es reflexionar sobre las ocho dimensiones del conocimiento de la Base Curricular Común Nacional (BNCC), que presentan posibilidades para insertarse en las clases de Educación Física en la Escuela. Por lo tanto, nos proponemos como objetivo conceptualizar y ejemplificar propuestas de uso de las dimensiones de conocimiento de la BNCC de la Educación Fundamental en las clases de Educación Física en la Escuela. Entendemos que las dimensiones del conocimiento son un aspecto innovador, ya que pueden proporcionar una mayor comprensión de las prácticas corporales en el contexto en el que se insertan, yendo más allá del “saber hacer”. Por lo tanto, es importante que se desarrollen nuevas investigaciones sobre este tema con el fin de difundir este conocimiento a otros profesores del área, con el fin de difundir posibilidades de implementación de las dimensiones del conocimiento en las clases de Educación Física en la Escuela. Concluimos que el estudio contribuye para una mejor profundización de las dimensiones del conocimiento de la BNCC, ya que el referido documento no lo hizo, sirviendo, por lo tanto, de apoyo para que los profesores puedan tener mayor comprensión en la comprensión de estas dimensiones, con el fin de facilitar la planificación de sus clases.

**Palabras clave:** BNCC; Dimensiones del Conocimiento; Educación Física Escolar; Cultura Corporal. Sistematización del Conocimiento.

## INTRODUÇÃO

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento organizado pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e a União dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME). Destinado para os diferentes níveis de ensino, na sua primeira versão, foi determinado à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental. O referido documento foi aprovado e publicado em dezembro de 2017 e foi utilizado como referência para a elaboração dos currículos regionais das diferentes secretarias (BIZZOCCHI; OLIVEIRA, 2021).

A BNCC (BRASIL, 2018) gerou divergências e convergências na ótica de diversos pesquisadores da área da Educação Física acerca do entendimento de se ter um documento como balizador para todo o território brasileiro. No que se refere às críticas ao componente curricular Educação Física, as mais relevantes foram acerca de pontos relacionados à pedagogia por competência, uso do termo “habilidades”, pouco aprofundamento da Educação Física na área de linguagens, aparente má distribuição das unidades temáticas e discordâncias sobre os critérios de organização interna de determinados objetos de conhecimento, dentre outros (BETTI, 2018; NEIRA, 2018).





Entendemos que as críticas são relevantes e fundamentais para a devida apreciação do documento, ainda mais vindas de diversos pesquisadores que têm expressiva produção acadêmica na Educação Física escolar. Contudo, pensamos a BNCC como um ponto de partida que vem para ampliar os diálogos sobre tentar minimizar uma problemática antiga, a “bagunça interna” (falta de um programa mínimo de conteúdos e de objetivos definidos para cada série/ano escolar, resultando em uma verdadeira desorganização e falta de hierarquia de complexidade dos conteúdos), apontada por Kunz (1994), que contribui para termos uma organização referente aos conteúdos que devem ser ensinados na escola ao longo da Educação Básica. Ademais, consideramos que a função da BNCC é indicar as competências e habilidades que, por direito, todos os alunos devem adquirir na escola, dentro de cada componente curricular na Educação Básica (IMPOLCETTO; MOREIRA, 2023). As secretarias de cada estabelecimento de ensino, por meio do seu Projeto Político Pedagógico (PPP), têm total autonomia para decidir como tais competências e habilidades serão garantidas/desenvolvidas.

É preciso, todavia, termos o devido cuidado para não conceber o documento da BNCC como um receituário, como nos alerta Betti (2018, p. 52): “a BNCC não é um currículo, mas temo que será lida ‘como se’ fosse um currículo em sua acepção mais pobre: uma listagem de conteúdos”. O autor afirma que o referido documento necessita de “interlocutores críticos” de maneira a potencializar seus aspectos positivos e minimizar os defeitos.

Concordamos com Kunz e colaboradores (2020) ao mencionarem que o documento pode facilitar o planejamento dos docentes de Educação Física nas escolas brasileiras e oferecer possibilidades para que os estudantes tenham acesso às diferentes manifestações culturais. Esses mesmos autores relatam que com isso não significa que a BNCC trará a solução para a educação brasileira, uma vez que existem diversos fatores estruturais a serem considerados.

Por outro lado, Betti (2018) considera que o documento da BNCC na Educação Física tem um ponto inovador que são as “dimensões de conhecimento”. Corroboramos a ideia deste autor, pois entendemos que as dimensões proporcionarão um maior entendimento das práticas corporais no contexto que estão inseridas, representando assim um avanço para esse componente curricular.

A BNCC, ao indicar as dimensões de conhecimento, orienta uma nova possibilidade de classificar os saberes em que as expectativas de aprendizagem não são mais sistematizadas em apenas três dimensões dos conteúdos como era tratado nos Parâmetros Curriculares





Nacionais (PCNs) (VIDOTTI; RAMOS, 2023), mas sim em oito. Isso exigirá discussões, formações continuadas e pesquisas que evidenciem o entendimento de cada dimensão na intervenção pedagógica em Educação Física.

Nacionalmente, os órgãos de educação têm organizado atividades de desenvolvimento profissional de curto prazo para preparar os professores para o uso da BNCC. Outras ações têm surgido para divulgação e implementação do documento nos últimos anos, como o programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC). Além disso, o plano Nacional do livro Didático (PNLD), que adota a BNCC como referência em seus editais. A inserção da Educação Física ocorreu pela primeira vez no ano de 2019. Importante ressaltar que os livros de Educação Física foram elaborados com base nas oito dimensões de conhecimento.

Entretanto, ainda percebemos, no que se refere às oito dimensões de conhecimento, uma carência das discussões acerca de uma melhor elucidação e possibilidade de utilização no contexto real de uma aula de Educação Física escolar. Vidotti e Ramos (2023) salientam que as dimensões de conhecimento poderão ocasionar uma mudança significativa na prática pedagógica dos docentes e na construção dos currículos escolares, sendo, portanto, um tema que merece discussão. Outra situação que é bastante relatada por professores de Educação Física, que atuam em escolas, é o fato de o referido documento apresentar um texto muito sucinto sobre as dimensões, resultando, portanto, em uma dificuldade de compreender a definição de cada uma delas, ocasionando uma insegurança dos profissionais em discernir como implementá-las em suas aulas.

A partir destas premissas, este ensaio intenta refletir sobre as oito dimensões de conhecimento, sugeridas pela BNCC, como possibilidade para serem inseridas nas aulas de Educação Física escolar, tendo como objetivo apresentar uma conceituação e exemplificação de possibilidades de utilização das dimensões de conhecimento apresentadas na BNCC em aulas de Educação Física escolar. Não pretendemos esgotar o assunto, mas expor algumas reflexões que possam auxiliar os docentes de Educação Física em seus planejamentos de ensino.

## **FIXANDO RESSALVAS E PONDERAÇÕES**

Compartilhar proposições pedagógicas pode ser entendido por duas vertentes. De um lado, acreditamos ser negado o potencial criativo e formativo dos professores de Educação





Física, como também ignorada as condições objetivas de trabalho, a relação com o saber que os estudantes vêm estabelecendo nas escolas. Mas, por outro lado, apresentar orientações que inspirem os docentes é uma forma de contribuir com as demandas efetivas do campo profissional que muitas vezes o debate teórico não consegue alcançar (MARTINS; MOURA, 2019).

Frisamos que na prática docente não há como dividir os conteúdos na dimensão conceitual, atitudinal e procedimental, embora possa haver ênfase em determinadas dimensões (DARIDO, 2007). Cabe ressaltar que com as dimensões da BNCC isso também ocorre, por isso, nas aulas de Educação Física, as dimensões de conhecimento se inter cruzam a todo momento.

Cabe pontuar que as dimensões de conhecimento não podem ser elementos exclusivos da organização do trabalho pedagógico, ou que fiquem contidos apenas em livros didáticos, matrizes curriculares e provas de concursos públicos para provimento de cargos do magistério e planos de aula. Os alunos precisam tomar posse de quais dimensões de conhecimentos as situações de aprendizagem que estão vivenciando nas aulas de Educação Física expressam. Dessa forma, não basta o professor elaborar situações de aprendizagem que envolvam duas ou mais dimensões de conhecimento, essa apropriação deve ser concretizada pelos discentes também.

Diante disso, optamos em seguir a seguinte estratégia: 1- compartilhar a definição da dimensão proposta pela BNCC; 2- ampliar a contextualização destas dimensões; 3 - apresentar situações de ensino que materializam a atuação destas dimensões. Organizamos algumas dimensões de forma combinada para produzir uma problematização mais próxima do que sugerimos anteriormente, sobre a indissociabilidade entre as dimensões de conhecimento no ato de pensar o ensino da Educação Física escolar.

## **EXPERIMENTAÇÃO E FRUIÇÃO**

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 178) a dimensão Experimentação é caracterizada pela vivência “das práticas corporais e pelo envolvimento corporal. São conhecimentos que não podem ser acessados sem passar pela vivência corporal, sem que sejam efetivamente experimentados”. Além do aspecto imprescindível do acesso à experiência, torna-se importante que, durante as vivências corporais, o discente tenha uma experiência positiva e não desagradável de modo que o leve a rejeitar a participação nas situações e ensino.





Cabe mencionar que a Experimentação não é apenas uma vivência sem finalidade como por exemplo a simples realização de jogos, a reprodução de meros fundamentos esportivos, cópia e aplicação de uma atividade de um livro/internet ou brincadeiras sem propósito de ensino. Nesse tipo de aula os discentes apenas reproduzem movimentos sem contextualização e não se apropriam da aprendizagem da cultura corporal. Referente à formação do docente, percebemos que as atividades mencionadas não necessitariam de uma formação acadêmica consistente, pois qualquer outra pessoa (com ou sem formação universitária) poderia aplicar essas atividades. Cabe frisarmos ainda que não estamos “condenando” a consulta de materiais pedagógicos, mas defendemos que estes devem ser utilizados com criticidade e adaptação à realidade do docente.

Betti (1994) menciona que o docente de Educação Física não poderá apenas realizar um discurso sobre a cultura corporal, portanto, deverá estar inserida em sua prática pedagógica. González e Fensterseifer (2010) também fazem essa ressalva ao argumentarem que o componente curricular Educação Física se concretiza na experiência, contudo as experiências corporais não podem ser uma mera repetição de movimentos a serem conhecidos. A dimensão Experimentação deverá estar alicerçada em objetivos claros de aprendizagem.

Para o presente estudo, e para facilitar o planejamento de ensino dos docentes que atuam na Educação Física escolar, pensamos na dimensão Experimentação juntamente com a Fruição, já que esta se concretiza ao desfrutar dos saberes atrelados às experiências (DARIDO et al., 2018). A Fruição “implica na apreciação estética das experiências sensíveis geradas pelas vivências corporais, bem como das diferentes práticas corporais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos” (BRASIL, 2018, p. 178). De acordo com Guimarães e colaboradores (2017) a BNCC reforça o que já estabeleciam os PCNs na disciplina de Artes, indicando que não seria possível fruir se o que for feito ou apreciado pelo sujeito, não tiver sentido sobre o contexto sociocultural.

A dimensão da Fruição se concretiza de forma mais efetiva por meio da Experimentação das vivências corporais. Como exemplo de materialização dessas dimensões, utilizamos como situação de ensino a proposta sugerida por Guimarães e colaboradores (2017) por meio da habilidade “Experimentar e fruir diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas” (BRASIL, 2018).





O professor pode iniciar a aula com as rodas cantadas partindo do contexto comunitário, contemplando músicas que os alunos já conheçam, trazendo vivências anteriores. Com o aluno por inteiro, respeitando seus valores, suas crenças, promovendo sua participação física, emocional, estética, intelectual, ele poderá desfrutar desta prática e fruir a partir da sua participação ou apreciação. O professor poderá selecionar pequenos grupos na turma e incentivá-los a escolher músicas presentes em seu cotidiano criando movimentos em rodas, enquanto um grupo estiver apresentando para os colegas, imediatamente os outros grupos, ao observarem, por meio da apreciação estética, poderão também fruir ao apreciá-los atuando (GUIMARÃES et al. 2017, p. 1).

De acordo com o exemplo citado, percebemos que tanto a Experimentação como a Fruição são contempladas nas situações de aprendizagem. Existe uma intencionalidade pedagógica e o discente é o sujeito participante da aprendizagem, condição que favorece que este experimente, desfrute e aprecie esteticamente da vivência corporal, gerindo suas emoções consigo e com os outros por meio do diálogo.

## **USO E APROPRIAÇÃO**

Refere-se “ao conhecimento que possibilita ao estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática corporal” (BRASIL, 2018, p. 178). Essa dimensão tem como foco também o saber-fazer, no entanto a principal diferença é o fato dos aprendentes desenvolverem a competência necessária para o seu envolvimento com as práticas corporais no lazer ou para a saúde. E isso não somente durante as aulas, mas também fora delas (BRASIL, 2018).

A principal diferença da Experimentação para o Uso e Apropriação é que a primeira demanda um menor tempo escolar para serem efetivadas, enquanto na segunda requer um período mais prolongando em que as expectativas de aprendizagem devem associar-se ao uso e apropriação (VIDOTTI, 2020).

Por isso é fundamental que o professor desenvolva uma unidade didática para que o educando possa ter condições de se aprofundar no conhecimento e ter autonomia na apropriação dos movimentos para que possa usufruir durante as aulas e fora delas. Além disso, uma estratégia viável é identificar alguma prática corporal que tenha relação com a cultura da cidade, pois favorecerá um significado maior para o discente, além de possibilitar oportunidades de prática para os alunos que ainda não vivenciaram tal prática corporal,







especialmente para aqueles que não experimentam por terem vergonha ou não possuírem uma proficiência mínima para usufruir no contexto recreativo da sua comunidade.

Como exemplo de uma situação de ensino adaptamos um objetivo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que foi escrito por Darido e colaboradores (2018), tendo como objetivo vivenciar e apropriar-se dos elementos básicos e acrobacias da ginástica artística.

O professor pode iniciar fazendo um breve diagnóstico acerca do conhecimento dos discentes sobre a ginástica artística, bem como suas experiências, curiosidades, temores e se eles já realizaram algum movimento da ginástica na hora do intervalo da escola (recreio) ou na própria comunidade. Em seguida, o docente pode organizar pequenos grupos de modo que os estudantes vivenciem diversos circuitos com estações e movimentos básicos da ginástica artística, tais como rolamentos, parada de mãos, salto grupado, piruetas e giros.

Em seguida, a partir dos movimentos aprendidos na vivência anterior, o professor pode solicitar que os estudantes elaborem uma nova sequência de movimentos da ginástica artística em diferentes estações formados por grupos de quatro ou cinco alunos (dependendo do tamanho da turma). Pode-se inclusive aumentar o nível de dificuldade das atividades, de maneira que os alunos possam explorar um grau de competência corporal mais elevado.

Ao final, pode-se realizar uma roda de conversa sobre a vivência e dialogar sobre os movimentos aprendidos, as principais dificuldades e a experiência de criação de movimentos da ginástica por eles. Além disso, o professor pode desafiar os alunos a realizarem alguns movimentos (que foram aprendidos em aula) nos espaços de lazer na comunidade ou na própria escola. No início da próxima aula, o docente pode iniciar com o relato dos estudantes sobre essa experiência no contexto recreativo e de lazer.

Essa aula deverá compor uma unidade didática para melhor aprofundamento dos conteúdos, de tal modo que o estudante possa alcançar um nível de proficiência para realizar a prática corporal fora do ambiente escolar, sem a presença de um professor.

Percebemos que com essa ação os educandos não vão somente experimentar, mas exercer a sua autonomia referente à sua competência no saber-fazer e como oportunidade de levar esse conhecimento para a vida como possibilidade de lazer e saúde.

## **ANÁLISE E COMPREENSÃO**







Darido e colaboradores (2018) afirmam que as dimensões Análise e Compreensão estão relacionadas aos saberes conceituais, porém a primeira está diretamente ligada às características intrínsecas, isto é, à lógica interna, já a segunda contempla a lógica externa, ou seja, à interpretação dessas práticas no contexto sociocultural.

A Análise “refere-se aos conceitos necessários para entender as características e funcionamento das práticas corporais (saber sobre)” (BRASIL, 2018, p. 178). Por sua vez a Compreensão, está relacionada “ao esclarecimento do processo de inserção das práticas corporais no contexto sociocultural, reunindo saberes que possibilitam compreender o lugar das práticas corporais no mundo” (BRASIL, 2018, p. 178).

Para elucidar ambas as dimensões de conhecimento na Educação Física escolar, trazemos como exemplo uma situação de ensino a partir da unidade temática Esporte. Na primeira dimensão (Análise) o docente pode pensar como objetivo conhecer a classificação dos Esportes proposta por González (2004), bem como, se apropriar do conceito de lógica interna (FARIAS et al. 2023). No primeiro momento, pode-se realizar um levantamento prévio sobre essa temática, os educandos terão que pensar uma classificação a partir do mapa dos esportes olímpicos, elencando critérios para essa escolha. Isso pode ser realizado em duplas ou pequenos grupos. Ao final dessa atividade os estudantes terão que apresentar sua classificação e justificar os critérios escolhidos.

Após esse momento de diagnóstico, o docente poderá, por meio de *power point* (ou outro recurso), apresentar a classificação dos esportes de González (2004) evidenciando o conceito de lógica interna. É importante apresentar a diferença entre os esportes SEM e COM interação entre adversários, de maneira que os estudantes compreendam os princípios que permitem dividir a primeira categoria (SEM) em três tipos de modalidades (por exemplo, o remo, a bocha e o levantamento de peso), e a segunda (COM) em quatro tipos de modalidades (por exemplo: o boxe, o rúgbi e o futsal).

Ademais, o docente pode utilizar de recursos como o vídeo ou imagens para que os estudantes possam fazer relações entre as diversas modalidades esportivas. Como sugestão para as próximas aulas, o docente poderia propor uma sequência de unidade didática com cada categoria (esportes SEM e COM interação) e com vivências corporais para que o conhecimento tenha mais significado para os educandos.

Cabe esclarecer que na BNCC (BRASIL, 2018) apenas a proposta de classificação dos esportes teve como base critérios baseados na Praxiologia Motriz (PARLEBAS, 2001),





apesar dos mesmos poderem ser utilizados para qualquer prática corporal. Ressaltamos, portanto, que a BNCC adotou modelos distintos para o aprofundamento de cada Unidade Temática. O documento delineou claramente algumas classificações, ou seja, as classificações dos Objetos de Conhecimento pela lógica interna da própria Prática Corporal, pela lógica ambiental, e/ou por uma lógica social (MARTINS; FERREIRA; MOURA, 2022).

Em relação à dimensão Compreensão, González e Bracht (2012) indicam diversas possibilidades, entre elas podemos citar uma sugestão tendo como exemplo o basquetebol mencionado por esses autores. Como discussão sobre a mudança de regras da referida modalidade ao longo do tempo, e o fato do esporte estar interligado à ideia do espetáculo e, portanto, cada vez se adequando às necessidades desse forte agente social, os estudantes podem refletir sobre as mudanças de regras a partir das diversas influências.

González e Bracht (2012) indicam que seria interessante apresentar as últimas mudanças do basquetebol para provocar a discussão. Os discentes realizariam uma tarefa de casa em que o foco seria uma pesquisa e reflexão sobre “Por que mudam as regras dos esportes?”. Para isso, os autores apresentam a sugestão de um texto com uma pequena síntese sobre o histórico das regras da modalidade. Logo após a leitura é apresentado um quadro com os principais motivos pelos quais as regras mudaram, ou seja, as regras atuais, observando como eram e o motivo dessas mudanças. Os alunos deveriam elaborar uma explicação para as últimas três regras.

Para a aula seguinte, González e Bracht (2012, p. 119) sugerem a seguinte dinâmica:

Em nosso papel de mediador, nesse momento inicial, tratamos de apontar hipóteses e perguntas, sistematizar ideias, salientar insights que apareçam na aula, para os alunos continuarem pensando. Perguntas como: será que as mudanças têm por trás apenas motivações técnicas? Ou seja, buscar um maior equilíbrio entre o ataque e a defesa ou mesmo diminuir lesões dos jogadores, por exemplo? No caso do basquetebol, por que será que as mudanças caminham em direção à forma como a modalidade é jogada na liga americana de basquetebol (NBA)? Será que a mídia e os patrocinadores têm algo a ver com isso? Quais serão os motivos que levam as regras de outros esportes a mudar? Quais os interesses? Será que a mídia e os patrocinadores têm algo a ver com isso?

Nesse exemplo de situação de ensino, os discentes são desafiados a pensar a mudança de regras para além dos aspectos da dinâmica interna do jogo, refletindo também sobre as questões socioculturais que permeiam os esportes. Como sugestão para as duas dimensões, o docente pode utilizar de diferentes estratégias pedagógicas, tais como debates, leituras de diferentes gêneros textuais, visualização de materiais audiovisuais, entre outras,



para potencializar o processo de ensino e aprendizagem no ensino das práticas corporais sistematizadas (DEL CONTE et al., 2018).

## REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO

Para a BNCC (BRASIL, 2018, p. 178) essa dimensão de conhecimento “refere-se aos conhecimentos originados na observação e análise das próprias vivências corporais e daquelas realizadas por outros. Vai além da reflexão espontânea, gerada em toda experiência corporal”. Logo, ela nos convida a aproveitar as experimentações das práticas corporais como ponto de partida para refletir demandas que podem ser exclusivas da situação vivenciada, como também agregadas a projeções que concedam ampliar o próprio acontecimento, articulando com fatos do cotidiano daquela prática corporal. Quando a dimensão de conhecimento reforça que precisamos refletir com intencionalidade, favorece a construção de situações de ensino que permitem reflexões sobre como compreender os objetos de conhecimento por meio de desafios que provocam o grupo a identificar saídas possíveis para resolver essas demandas.

A Reflexão sobre a ação possibilita criar “curvas” na trilha de saberes das práticas corporais. Neste sentido, seria uma oportunidade para instigar os alunos a refletirem sobre questões que emergem das experimentações e necessitam de uma análise mais rebuscada, seguindo à prática de agir, refletir, como um ato inerente da aula de Educação Física.

Para exemplificar, utilizaremos o objeto de conhecimento Esporte. A proposta é ensinar o futsal em que o problema tático seria “manter a posse de bola” (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2017). O jogo ocorre em um espaço reduzido com “travinhas” sem goleiro, com o objetivo de marcar o gol. Os participantes são divididos em 3x3 ou 4x4, mais um substituto ou técnico por equipe. Existem duas condições para o jogo acontecer: 1) não é permitido tirar a bola do portador, quando ele estiver só com o pé sobre a bola (pisando na bola); 2) não se pode conduzir a bola com mais de três toques (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2017).

Após esse momento, ocorre a conscientização tática (conversa e questionamentos aos discentes sobre “o que fazem” ou “o que deveriam fazer” durante o jogo) por meio dos seguintes questionamentos: “Qual era o objetivo do jogo?” Resposta (R): Marcar gol; “O que é necessário fazer quando se recebe a bola?” R: Olhar e perceber a situação do jogo antes de decidir o que e como fazer. “É importante observar a situação do jogo antes de tomar uma decisão e realizar uma ação? Por quê?” R: Sim. Porque as posições dos companheiros e adversários influenciam na ação; “Todos observavam antes de agir? Por quê?” R: Não.





Tomamos decisão sem ler a situação do jogo; “Vamos voltar a jogar e tentar observar melhor antes de agir?” R: Sim. Vamos tentar levantar a cabeça e olhar o jogo (GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2017).

No exemplo citado, os alunos são incentivados desde o início da aula a criar estratégias para resolver problemas no jogo com pausas (conscientização tática) para refletirem sobre suas ações, contribuindo assim para tomarem novas decisões conjuntas após esse momento de reflexão em um novo jogo, estabelecendo um processo de ação, reflexão e ação.

## CONSTRUÇÃO DE VALORES

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018) essa dimensão refere-se aos saberes que são gerados em vivências e discussões na tematização das práticas corporais, com o intuito de favorecer a aprendizagem de valores e atitudes ao exercício da cidadania. Ademais, o documento frisa que essa dimensão deverá estar vinculada à intencionalidade do ensino, gerando assim uma intervenção pedagógica para esse propósito.

Percebemos que essa é uma das dimensões de conhecimento engajada com uma sociedade que valoriza a justiça social por meio das aulas de Educação Física. Na própria definição, surgem terminologias como democracia e cidadania. Por essa razão, as aulas de Educação Física podem ser uma oportunidade para melhor compreender o “eu” no mundo em uma sociedade. E se perceber no mundo não é algo fácil do ponto de vista dos valores humanos, pois nem sempre adotamos atitudes e posturas sensatas nas demandas da vida. Por isso, observamos de forma satisfatória a ideia de uma Construção de valores, por admitir o inacabamento e a vulnerabilidade humana.

Darido e colaboradores (2018) destacam que essa dimensão oportuniza a aprendizagem dos valores com ênfase na formação de um cidadão crítico. Reforçam ainda que a Construção de valores deverá proporcionar um trabalho planejado com valores e não de forma esporádica com ações pontuais.

Para exemplificar essa dimensão de conhecimento, utilizamos como situação de ensino um recorte da atividade contida no PNLD escrito por Darido e colaboradores (2018), tendo como tema jogo de golfe às cegas com o propósito de sensibilizar para a questão da deficiência visual e do direito à inclusão.





A proposta da atividade indica que os alunos devem formar duplas e um discente ficará com uma venda. Para realizar a tacada do golfe (cabos de vassoura, bolas de tênis, ou qualquer material alternativo para confeccionar o taco e a bola), o discente-guia (sem venda) deverá guiar o colega vendado, orientando-o sobre a distância aproximada da bola ao buraco. Em seguida, mudam-se os papéis, o aluno que está sem venda deve realizar a mesma vivência. Ao final da aula, o docente deverá discutir com os educandos que as pessoas com deficiência visual, ou qualquer outra, têm o mesmo direito de experimentar e aprender a prática do golfe (DARIDO et al. 2018). De acordo com esse exemplo, percebemos que a Construção de valores está sendo abordada de forma intencional no desenvolvimento da aula e não de forma esporádica.

## **PROTAGONISMO COMUNITÁRIO**

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018) essa outra dimensão refere-se aos saberes/attitudes indispensáveis aos educandos para participarem como protagonistas em decisões e condutas, a democratizar o acesso das práticas corporais para a convivência social. Além disso, estabelecer iniciativas entre a escola e a comunidade local é o objetivo, de modo a interferir no contexto com o propósito de buscar resoluções e materialização dos direitos sociais vinculado a esse universo.

Essa dimensão pode favorecer o protagonismo dos estudantes em ações na sua comunidade local, proporcionando assim a formação de um estudante crítico, autônomo e reflexivo. Cabe salientar que o componente curricular Educação Física sempre foi alvo de questionamentos sobre o real papel dessa disciplina na escola. Acreditamos que essa situação pode ser minimizada com ações integrativas entre a escola e a comunidade local.

Para demonstração, utilizamos como exemplo as práticas corporais de aventura urbanas, o skate seria o objeto de conhecimento. O professor promoveria uma pesquisa em que os estudantes deveriam realizar um grande levantamento sobre essa prática corporal em sua comunidade, especialmente sobre quem pratica skate, o local onde se vivencia, além de verificar se no bairro existe ou não infraestrutura adequada para essa prática.

Para a coleta das informações, os discentes poderiam utilizar o celular para realizar entrevistas com os praticantes de skate, filmar e registrar fotos dos locais em que se pratica essa modalidade, bem como a existência ou não de pistas de skate no bairro. Como tarefa final, os alunos seriam desafiados a produzir um podcast em duplas ou trios contendo as





entrevistas e relatos sobre a pesquisa no bairro, bem como uma proposta de ação ou encaminhamento para melhorar e democratizar o acesso à prática do skate na comunidade local. O podcast poderia ser disponibilizado em repositórios digitais da escola e divulgados para a comunidade local, com o intuito de sensibilizar a comunidade local para buscar junto aos órgãos competentes a criação de pistas de skates para o bairro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como propósito conceituar e exemplificar as dimensões de conhecimento da BNCC (BRASIL, 2018) do Ensino Fundamental na Educação Física escolar. O referido documento propõe oito dimensões que devem fazer parte no ensino das práticas corporais, a saber: Experimentação, Fruição, Análise, Compreensão; Uso e Apropriação; Reflexão sobre a ação; Construção de valores e Protagonismo comunitário.

Entendemos que as oito dimensões de conhecimento propostas no documento são um aspecto inovador, pois proporcionarão um maior entendimento das práticas corporais no contexto que estão inseridas para além do saber-fazer. Constatamos que é possível fazer interlocuções das oito dimensões da BNCC (BRASIL, 2018) com as três dimensões de conteúdos dos PCNs, todavia verificamos que aquelas podem ter um maior aprofundamento em relação a estas, pois são capazes de aproximar o ensino das práticas corporais à realidade vivida pelos estudantes. Como exemplo, estes tendem a ter autonomia no desenvolvimento do Uso e Apropriação, na Experimentação e Fruição, no Protagonismo comunitário em sua comunidade local, na Reflexão sobre a ação durante as vivências corporais e a compreensão da lógica interna (Análise) e da lógica externa (Compreensão) das práticas corporais, proporcionando assim um ensino contextualizado, crítico e com intencionalidade pedagógica.

Dessa forma, torna-se importante que novas pesquisas com essa temática sejam desenvolvidas a fim de difundir esse conhecimento para outros docentes da área, visando a democratização de possibilidades de implementação das dimensões de conhecimento em aulas de Educação Física escolar. Portanto, o estudo contribui para um melhor aprofundamento das dimensões de conhecimento da BNCC, visto que o referido documento não o fez, servindo, dessa forma, como apoio para que os docentes possam ter maior compreensão no entendimento dessas dimensões, a fim de facilitar o planejamento de suas aulas.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: educação física. Brasília, DF: MEC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Base nacional comum curricular**: educação física. Brasília, DF: MEC, 2018.

BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. **Discorpo**, v. 1, n. 3, p. 1-104, 1994.

\_\_\_\_\_. A versão final da Base Nacional Comum Curricular da educação física (ensino fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos. **Revista brasileira de educação física escolar**, v. 1, n. 4, p. 156-175, 2018.

BIZZOCCHI, Carlos Eduardo; OLIVEIRA, Júlia Félix de. Pedagogia da autonomia de Paulo Freire na educação física escolar: relações e possibilidades diante da BNCC. **Caderno de educação física e esporte**, v. 19, n. 3, p. 249-255, 2021.

DEL CONTE, Denis Rodrigo e colaboradores. Dimensões do conhecimento da educação física na BNCC: análise e compreensão. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA, 10; SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 16. **Anais...** Campina Grande, PB: Realize, 2017.

DARIDO, Suraya Cristina. **Para ensinar educação física**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

DARIDO, Suraya Cristina e colaboradores. **Práticas corporais**: educação física 6º aos 9º anos. São Paulo: Moderna, 2018.

FARIAS, Alison Nascimento e colaboradores. Classificação dos esportes na educação física escolar: elaboração e validação de uma unidade didática no ensino médio. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1-25, 2023.

GUIMARÃES, Denise e colaboradores. A dimensão "fruição" na BNCC de educação física: o exemplo da dança. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA, 10; SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 16. **Anais...** Campina Grande, PB: Realize, 2017.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o "não mais" e o "ainda não": pensando saídas do não lugar da EF escolar. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 10-21, 2010.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime.; DARIDO, Suraya Cristina.; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli. **Esportes de invasão**: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee. Maringá, PR: Eduem, 2017.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Educación física y deportes**, v. 71, n. 71, 2004.







GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória, ES: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

IMPOLCETTO, Fernanda Moreto; MOREIRA, Evando Carlos. A educação física escolar na BNCC: avanços e desafios. **Corpoconsciência**, v. 27, p. 1-14, 2023.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí, RS: Unijuí, 1994.

KUNZ, Elenor e colaboradores. Acerca da educação física na área de linguagens na Base Nacional Comum Curricular-BNCC. **Revista brasileira de educação física escolar**, v. 3, n. 5, p. 86-99, 2020.

MARTINS, Raphaell Moreira; MOURA, Diego Luz. Diversificação de conteúdo para a educação física escolar: o ultimate frisbee como possibilidade pedagógica para o ensino dos esportes. In: COSTA, Felipe Rodrigues da; CADAVID, Marlon Andrés Amaya; CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros (Org.). **Ultimate frisbee: organização, conhecimento e prática de ensino**. Curitiba, PR: CRV, 2019.

MARTINS, Raphaell Moreira; FERREIRA JUNIOR, José Ribamar; MOURA, Diego Luz. Análise da educação física no documento curricular referencial do Ceará. **Revista eletrônica científica ensino interdisciplinar**, v. 8, p. 115-130, 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 40, n. 3, p. 215-223, 2018.

PARLEBAS, Pierre. **Juegos, deportes y sociedad**. Léxico de praxiología motriz. Barcelona, Espanha: Paidotribo, 2001.

VIDOTTI, Pedro Henrique Carbone; RAMOS, Glauco Nunes Souto. As dimensões do conhecimento na BNCC e nos planos de ensino de professores de educação física. **Corpoconsciência**, v. 27, p. 1-16, 2023.

VIDOTTI, Pedro Henrique Carbone. **A educação física e as dimensões do conhecimento na BNCC: um estudo a partir dos planos de ensino dos professores de uma rede municipal de ensino**. 2020. 208f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2020.

**Dados do primeiro autor:**

Email: [alison.farias@ifce.edu.br](mailto:alison.farias@ifce.edu.br)

Endereço: Rua Raimundo Tomás de Aquino, 2742, Cidade Alta, Limoeiro do Norte, CE, CEP: 62930-000, Brasil.

Recebido em: 26/07/2023

Aprovado em: 31/08/2023



**Como citar este artigo:**

FARIAS, Alison Nascimento; MARTINS, Raphael Moreira; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. As dimensões de conhecimento na Base Nacional Comum Curricular: reflexões para a educação física escolar. **Corpoconsciência**, v. 27, e16028, p. 1-17, 2023.

